Japão: menos importações

- A pequena valorização do iene combinada com a maior demanda interna levaram a um crescimento de 11% nas importações de 1999. O segmento de consumo de produtos preparados vem crescendo. Neste exercício as importações serão um pouco menores. As importações de ovos sobem moderadamente devido à queda na produção doméstica.

Os prognósticos para o Brasil e a China falam de variações, assim como para a Tailândia, enquanto para os Estados Unidos aguarda-se uma leve redução. Do lado do consumo, espera-se um aumento próximo ao verificado na produção.

França: perspectiva de queda

- Com o consumo interno afrouxado e enorme concorrência entre os países exportadores, a produção vem declinando sem sinais de reversão dessa tendência. Na produção de ovos, o quadro é de desestímulo, com perspectiva de queda de 1% neste ano, em função da demanda saturada e dos altos estoques.

Holanda: produção em baixa

- A produção mantém-se baixa ante um cenário futuro temperado de preocupações sobre o bem-estar dos animais e questões suscitadas pelo impacto dos dejetos da produção sobre o meio ambiente. As exportações para os países da União Européia podem crescer para 214 mil toneladas em 2000, cerca de 14% acima do ano passado. Em 1999 a contaminação do dióxido de carbono afetou e enfraqueceu as exportações. (**L.A.P.** e **I.P.L.**)

Fonte: Usda, mar. 2000.

ALIMENTAÇÃO ANIMAL: MILHO

Grão escasso

A crise da produção doméstica do cereal perturba o equilíbrio da cadeia nacional de proteína animal

Na história mais recente da agricultura brasileira, o presente ano ficará marcado como um dos mais críticos em termos de abastecimento de milho. Se já não se prenunciava uma oferta tranqüilizadora do produto, o milho safrinha foi assolado por geadas e secas, de modo a estreitar ainda mais a disponibilidade doméstica. O mercado deste segundo semestre necessitará de importações, justamente quando se trava um duro e previsível embate sobre a autorização ou não da entrada de grãos transgênicos.

Vicissitudes

Nos momentos em que prevalecem oportunidades de ordem estratégica, sempre surgem vozes clamando contra o desleixo das políticas públicas em relação à cultura do milho. Embora estejam certas, essas vozes serão silenciadas pela recuperação da produção, quando tudo volta a se movimentar como antes – em meio à inércia e à deriva, sempre com alto risco para a renda e a liquidez de quem plantou.

Na verdade, apesar da importância do cereal para a cadeia nacional de proteína animal – o saudoso empresário Ney Bittencourt de Araújo costumava chamá-lo de "aço da agricultura" – , não há instrumentos eficazes para sua estocagem e comercialização. Resultado: contra os fundamentos básicos da economia rural, os preços do milho no Brasil sofrem variações abruptas e extremas como se fosse um produto instável, tipicamente perecível e de curtíssimo ciclo de produção.

Brasil: evolução da área colhida conforme regiões
Em hectares

Região	1969/70	1974/75	1979/80	1984/85	1989/90	1994/95	1999/00
Norte	67.135	108.368	174.967	247.996	397.392	610.882	627.643
Nordeste	1.700.515	2.497.651	2.193.108	2.592.074	2.139.037	3.053.294	2.316.472
Sudeste	3.311.182	2.964.018	2.940.532	2.824.195	2.704.098	2.829.571	2.396.209
Sul	3.819.993	4.396.538	5.145.339	5.009.815	4.737.300	5.638.962	4.945.987
Centro-Oeste	595.283	888.112	997.351	1.124.269	1.416.480	1.813.611	1.857.191
Total	9.494.108	8.357.036	11.451.297	11.798.349	11.394.307	13.946.320	12.143.502

Fonte: IBGE. *Anuário estatístico do Brasil* e *Levantamento sistemático da produção agrícola*.

Brasil: evolução da produção de milho conforme regiões
Toneladas

Região	1969/70	1974/75	1979/80	1984/85	1989/90	1994/95	1999/00
Norte	59.487	116.147	221.931	1.981.451	539.637	948.781	979.692
Nordeste	870.829	1.614.457	830.460	1.537.573	648.582	2.437.237	2.682.252
Sudeste	5.370.655	4.682.865	5.595.565	6.204.713	5.258.540	8.069.674	8.072.455
Sul	7.027.784	8.307.755	11.638.995	11.521.353	11.792.614	18.575.039	15.754.855
Centro-Oeste	887.254	1.613.292	2.085.121	2.435.804	3.108.401	6.235.674	6.537.883
Total	14.216.009	16.334.516	20.372.072	23.680.894	21.347.774	36.266.405	34.027.137

Fonte: IBGE. *Anuário estatístico do Brasil* e *Levantamento sistemático da produção agrícola*.

O corredor tradicional do milho no país, onde se planta e cultiva com melhor padrão tecnológico, parte das regiões Sul e Sudeste na direção do Centro-Oeste. Entre essas regiões porém têm sido detectadas variações nas últimas décadas. Enquanto o Sul detém praticamente 45% tanto em área quanto em produção nacional, o Sudeste, mesmo reduzindo o plantio, fica com 18% e 25% respectivamente. O Centro-Oeste aumentou sua participação para 15% da área e 18% da produção. Já o Nordeste e o Norte, com 25% do cultivo, colhe menos de 10% e depende dos humores de São Pedro.

O marco dos 60

As estatísticas pós-anos 30 do IBGE são riquíssimas para a agricultura brasileira em geral. No caso particular do milho, fornecem o retrato de sua evolução no tocante a área plantada, produção e produtividade e confirmam em números muitos fatos captados empiricamente no dia-a-dia.

Durante mais de 35 anos, as linhas de área e produção do milho seguiram trajetos paralelos. Fatores incidentais provocaram o descolamento dessas linhas, numa dinâmica bem perceptível no final dos 60, ao tempo em que se assistia à disseminação da semente híbrida nos milharais das propriedades rurais. Têm início então os primeiros ganhos de produtividade, um evento marcante no processo de evolução do cereal.

Tomando-se as médias entre os anos 60 e os 90, o aumento verificado na produção de milho foi de 174%. Desse incremento, dois terços são explicados pelos ganhos de produtividade e um terço através da expansão de área. A importância da produtividade em relação à área plantada foi ficando cada vez maior no decorrer dessas décadas. Essa tendência certamente será mantida para o panorama de médio e longo prazos, tendo em vista a ainda baixa produtividade média.

Brasil: evolução do milho

Década	Área (ha)	Área Índice	Produção (mil t)	Produção Índice	Produtividade (t/ha)	Produtividade Índice
	Média					
60	8.296	100	10.893	100	1.313	100
70	10.644	128	15.629	143	1.468	112
80	12.217	147	22.392	205	1.833	140
90	12.666	153	29.885	274	2.359	180

Fonte: IBGE.

Brasil: custo da importação de milho

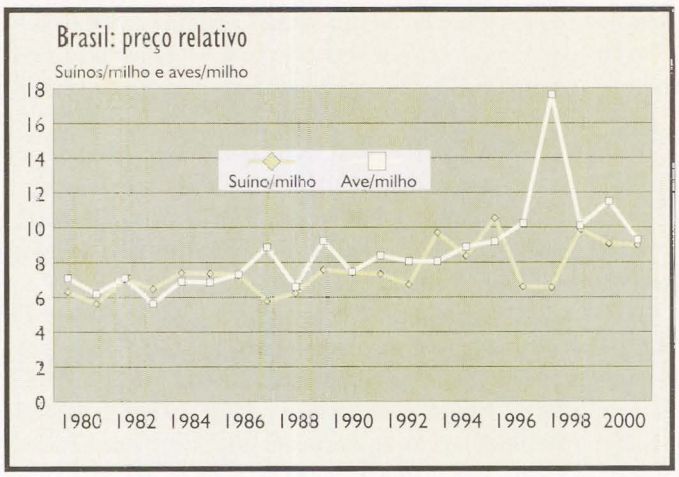
Item	Argentina	Estados Unidos
Preço (*spot*)	US$83/t	US$80/t
Frete	US$11/t	US$16/t
Despesas aduaneiras	US$6,50/t	US$6,50/t
Preço no porto	US$100,5/t ou R$ 10,80/sc.	US$102,50/t ou R$11,00
Frete interno	R$1,40/sc.	R$1,40/sc.
Preço total	R$12,20	R$12,40

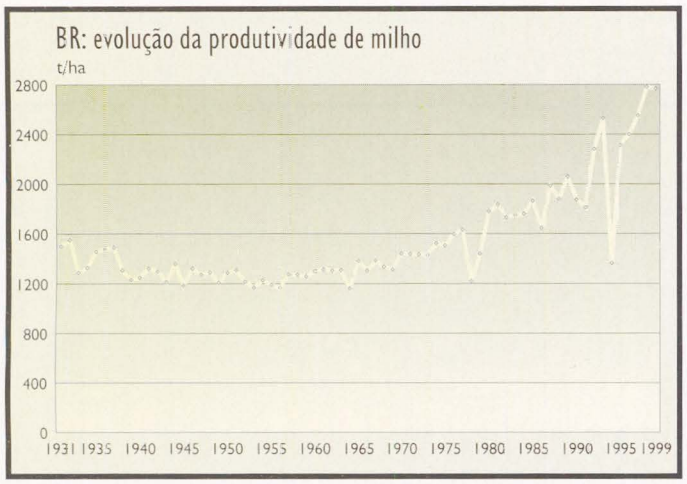
Porto: São Francisco de Assis, SC.
Local de entrega da mercadoria: Chapecó.
Mercado *spot*: não leva em conta custo de *carry-over*, de US$1 a US$2 a t/mês.

Brasil: preço mínimo do milho
Safra 2000/01

Regiões/estados	R$/saca de 60kg
Norte; Mato Grosso	6,15
Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal	7,07
Sul, Sudeste; Tocantins, Sul da Bahia, Sul do Maranhão e Sul do Piauí	7,28







Déficit doméstico

O aumento da produção de milho impulsionou a rápida expansão da produção das carnes de frango e suínos, bem como das granjas leiteiras e de postura de ovos. Comparando-se a evolução dos preços relativos do cereal com os de frango e suínos, tem-se uma nítida visão de sua real contribuição.

Nos últimos 20 anos o *break even* (ponto de equilíbrio) suíno/milho passou de 6 para 8, enquanto aves/milho foi de 13 para 18. Os ganhos de produtividade proporcionaram esse desempenho. No caso do milho, possibilitaram uma aquisição a menor custo, e no das criações, melhor taxa de conversão. Foi portanto um duplo efeito para reduzir as despesas: o uso do cereal em menos quantidade e a preço mais baixo.

Desde 1996, nem a suinocultura nem a avicultura potencializam suas forças competitivas com base no aproveitamento do cereal produzido internamente. O déficit da matéria-prima

EUA: balanço do milho

Ano	Estoque inicial	Produção	Área	Consumo	Exportação	Estoque final	relação estoque/ consumo (%)
1981	52	169		125	61	35	8,1
1982	35	206		126	51	64	50,8
1983	64	209		136	47	90	66,2
1984	90	106		122	48	26	21,3
1985	26	195		132	47	42	31,2
1986	42	225	30,4	134	31	103	76,9
1987	102	209	27,9	148	39	124	83,8
1988	124	181	24,1	152	43	110	72,4
1989	110	125	23,6	135	51	49	36,3
1990	49	191	26,2	146	60	34	23,3
1991	34	201	27,1	153	43	39	25,5
1992	39	202	27,8	164	40	37	22,6
1993	37	190	29,2	145	42	54	37,2
1994	54	241	25,4	157	53	85	54,1
1995	85	161	29,6	154	53	39	25,3
1996	37	257	32	158	56	11	6,9
1997	11	188	26,4	163	45	22	13,5
1998	22	234	29,4	163	38	33	20,2
1999	33	234	29,4	141	50	43	30,5
2000	43	248	29,4	156	47	45	28,8
2001	45	238	28,7	157	48	50	30

Fonte: Usda.

pressiona os preços e incha os custos. O limite de alta é dado pelo custo das importações, elevando os preços relativos aves/milho e suíno/milho – um contexto que precisa ser revertido.

Conjuntural favorável

As boas safras de milho na Argentina e nos Estados Unidos podem ser consideradas a melhor das notícias para a sustentação de um quadro sereno de oferta e demanda no mercado internacional.

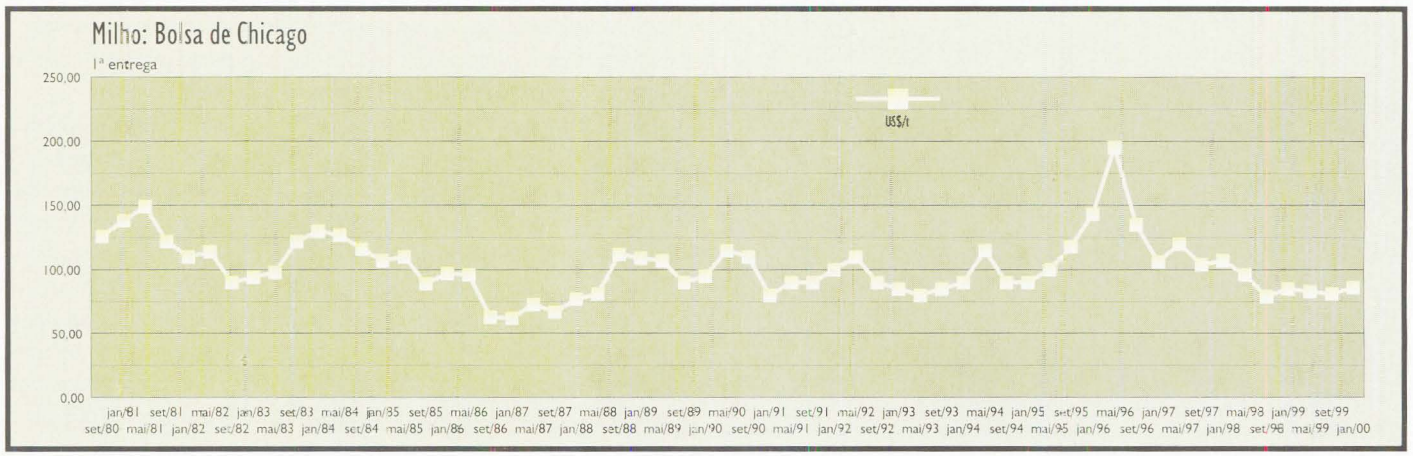
As cotações da Bolsa de Chicago operam em intervalos de baixa, sem qualquer sinal de viradas radicais para 2001. As secas registradas no Meio-Oeste norte-americano em 1982 e 1988 e as enchentes do Mississipi de 1993 serviram apenas como ilustração histórica. A produção deste ano segue em perfeita harmonia. As adversidades climáticas, os ataques de pragas e a incidência de doenças não chegam a preocupar.

Os exercícios de cenário para o plantio da safra de verão 2000/01 mostram-se favoráveis ao milho em comparação à soja. É o que indicam com boa margem os preços relativos. Contudo, essa situação teve um similar no último triênio. Mesmo sem essa vantagem comparativa, os agricultores continuam apostando na oleaginosa, principalmente por sua capacidade de gerar maior liquidez.

No pacote de políticas para a safra 2000/01, algumas medidas foram tomadas na tentativa de reacender os ânimos em torno do milho. Espera-se aumentar a colheita do cereal entre 3,5 milhões e 4 milhões de toneladas.

Embora o preço mínimo do produto tenha sido reescalonado por estado e região, seu reflexo sobre o plantio não é significativo. É um valor abaixo dos preços vigentes no mercado, que estão em níveis bem atraentes para os produtores.

Também foi anunciada uma reserva de R$460 milhões para operações com empréstimos do governo federal (EGFs) e notas promissórias rurais (NPRs). Esse montante é considerado suficiente para movimentar o aumento previsto na produção **(L.A.P.** e **I.P.L.).**



Mundo: balanço do milho

Ano	Estoque inicial	Produção	Consumo	Exportação	Estoque final	Relação estoque/consumo (%)
1981		403	334	78	49	14,7
1982	50	438	338	76	74	21,9
1983	74	440	342	76	96	28,1
1984	96	346	341	61	40	11,7
1985	40	457	371	66	60	16,2
1986	60	490	352	54	144	40,9
1987	144	475	394	64	161	40,9
1988	161	447	390	75	143	36,7
1989	143	399	385	74	83	21,5
1990	85	462,5	399	71	77	19,3
1991	77	482,4	411	64	84	20,4
1992	81	491,3	421	69	82	19,5
1993	82	538,5	443	70	107	24,1
1994	107	476,2	445	66	72	16,2
1995	72	560,4	462	72	98	21,2
1996	94	517,1	486	76	49	10,1
1997	69	591,9	495	73	93	18,8
1998	92	573,4	509	71	85	16,7
1999	86	594	509	74	97	19,1
2000	97	599	516	76	104	20,1

Fonte: Usda.